



TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

9 DE ABRIL DE 1942 — ÀS 21 E 15 HORAS

II CONGRESSO NACIONAL DA J. C. F.

CONCÊNTO DE MÚSICA ESPIRITUAL

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA E

ORQUESTRA SINFÓNICA NACIONAL

SOB A DIRECÇÃO DO MAESTRO

FREDERICO DE FREITAS

PRIMEIRA PARTE:

STABAT MATER PERGOLESI
(Para vozes femininas e orquestra de arcos) (1710-1736)

- 1— *Stabat Mater dolorosa* côro
- 2— *Cujus animam gemetem* (ária) soprano
- 3— *O quam tritis et afflicta* dueto
- 4— *Quae moerebat et dolebat* (ária) meio-soprano
- 5— *Quis est homo* dueto e côro
- 6— *Vidit suum dulcem natum* (ária) soprano
- 7— *Eja mater fons amoris* (ária) meio-soprano
- 8— *Fac ut ardeat cor meum* côro
- 9— *Sancta mater istud agas* dueto
- 10— *Fac ut portem Christi mortem* (ária) ... meio-soprano
- 11— *Inflamatus et accensus* dueto
- 12— *Quando corpus morietur* côro

Solistas:

LAURA WAKE MARQUES — Soprano.

MARIA LUISA VIEIRA LISBOA — Meio-soprano.

Ao piano: REGINA CASCAIS ★ Ao órgão: ANTONIO MELO

SEGUNDA PARTE
MISSA SOLENE FREDERICO DE FREITAS

(Para 4 vozes solistas, coro e Orquestra)

- | | |
|--------------------|------------------------|
| 1 — <i>Kyrie.</i> | 4 — <i>Sanctus.</i> |
| 2 — <i>Gloria.</i> | 5 — <i>Benedictus.</i> |
| 3 — <i>Credo.</i> | 6 — <i>Agnus-Dei.</i> |

Solistas:

ANS BIERMAN — Soprano.
MARIA LUISA VIEIRA LISBOA — Meio-soprano.
RAÚL SANTOS — Tenor.
DR. SILVA SANTOS — Baixo.

STABAT MATER
DE
PERGOLESÍ

NOTAS PELO PROFESSOR TOMAZ BORBA

João Baptista Pergolesi foi um dos compositores napolitanos de maior nomeada do século XVIII. Nasceu em 1710 e morreu 26 anos depois. Se descontarmos o tempo que toda a gente precisa para se desenvolver fisicamente e educar-se, poucos anos restaram a este precoce génio embrionário para aprender as regras da música, estudá-la, senti-la e escrevê-la. Ainda assim, o número de suas composições excede o máximo do de muitos compositores de vida longa. Operas, sonatas, cantatas, trios, música de câmara e música religiosa, de tudo escreveu o jovem mestre que, débil de nascença e morto aos 26 anos, seria, sem dúvida uma glória mundial, se a morte o não tivesse surpreendido tão cedo. É ainda para

notar-se que, quando de muitos compositores sua contemporânea nada hoje se executa, duas obras pelo menos de PERGOLESÍ se impõem com vida exuberante: a ópera de câmara *SERVA PADRONA* e o *STABAT MATER*, que hoje aqui vamos ouvir, graças à iniciativa, esforços e talento do maestro Frederico de Freitas. Esta última composição é a que neste momento mais nos interessa, naturalmente, e para a qual nos pedem duas palavras de preparação. Em primeiro lugar é de toda a conveniência ilucidar-mo-nos sobre o papel que na liturgia da Igreja, representa o Stabat Mater, espécie de hino religioso que com o título de *sequência* é admitido na festividade de Nossa Senhora das Dores e se recita ou canta após a epístola. O autor deste lindo poema é um tal Jacopone de Todi, que tão bem e tão piedosamente exprimiu nêle as lágrimas de dor que a Mártir do Calvário derramou durante a grande tragédia do seu Divino Amor, que a Igreja tendo eliminado do culto muitas outras seqüências, esta foi piedosamente respeitada e ainda bem; porque de todos os trechos sagrados este é o que mais e melhor tem fecundado a inspiração musical dos grandes artistas de todos os tempos. Esta exacta afirmação — devemos aqui mencioná-lo, em abono da verdade — ouvimo-la, mais duma vez, da boca do mais caluniado livre-pensador da história literária portuguesa, Teófilo Braga. Desde Josquin, Palestrina, Stefanni, Astorga, Rossini, até Verdi e ao abade Perosi, muitos são os compositores, cujos nomes não é preciso aqui citar, que se têm inspirado no poema heróico de Jacopone. Mas a todos — o porquê escapa a toda a análise — sobreleva ainda e sempre o génio imortal de Pergolesi.

Escrita para vozes femininas e no estilo da sua época, só em concertos espirituais, como este a que vamos assistir, a celebrada partitura de Pergolesi se ouve, de quando em quando.

Mas executa-se em todo o mundo cristão, porque o sentimento profundamente religioso que a inspirou é tão inalterável hoje, como inalterável foi sempre, no seu Divino Amor, o coração Daquela que regou com lágrimas de sangue o Calvário da Redenção e de quem Jacopone diz tão comovidamente que a humanidade inteira há-de chorar com êle, pelos séculos sem fim: «Estava a Mãe Dolorosa chorando junto da Cruz, onde crucificaram o Filho do seu Amor».

Que muitas lágrimas de compaixão e dor, caíram como bênçãos, dos olhos imaculados da Virgem, quando seu Filho, na Cruz expirou para nos salvar, redimindo-nos, sabemos todos. Dí-lo-no a História e dí-lo-no a Fé.

Quantas porém brotaram dos olhos de Pergolesi, debilitado já pela doença e adivinhando, por ventura, a morte que se aproximava, quando no papel desenhava em notas de música, o esquema imortal da Divina Tragédia, adivinha-lo-ão os que ouvirem com ouvidos de piedade, o que êle nesse esquema luminoso tão sentidamente nos quiz dizer e disse.

MISSA SOLENE

Frederico de Freitas, aluno laureado do Conservatório Nacional de Lisboa, onde se diplomou com o curso superior de composição, ganhou em concursos de provas públicas em 1886, o pensionato do Estado no estrangeiro. Das suas composições já em número elevado muitas têm sido tocadas pelas orquestras sinfónicas de Londres, BBC, Paris, Berlim, Colónia, Bordéus, Ostenda, Rio de Janeiro, Boston, Madrid, etc., merecendo de críticos ilustres o mais honroso acolhimento. Como director de orquestra, tem realizado uma obra de divulgação muito apreciável, merecendo-lhe carinho especial a música nacional e muitas obras tem apresentado em primeira audição. Igualmente a música portuguesa antiga lhe tem merecido o maior carinho, e dos seus trabalhos de estudo e investigação feitos nas nossas bibliotecas, muitas composições portuguesas do século XVIII tem vindo a conhecer ao público, nos seus concertos, realizados não só em Portugal como no estrangeiro.

O maestro Frederico de Freitas dirige a Orquestra de Câmara da Emissora Nacional.

Transcrevem-se as palavras escritas na partitura da «Missa Solene» do Maestro Frederico de Freitas, pelo professor do Curso Superior de Composição do Conservatório Nacional de Lisboa, Sr. António Eduardo da Costa Ferreira:

«Sinto o maior prazer em poder afirmar que a magnífica impressão que me causou a audição da «Missa Solene» de Frederico de Freitas, acaba de ser plenamente confirmada pela análise que venho de fazer à respectiva partitura.

Se é certo que o autor, ao elaborar o plano desta sua obra, se afastou por completo das precepções estabelecidas pelos dogmas da liturgia católica, não é menos certo que, preferindo optar pelo emprego do estilo livre, como o fizera Beethoven na «Missa Solene» e Berlioz no «Requiem», conseguiu assim ver realizada a sua aspiração: o enriquecimento da produção nacional por uma obra de real valor, uma grande obra religiosa, notável sob todos os pontos de vista.

Efectivamente, quer no que diz respeito à solidez da sua arquitectura, quer no que se observa quanto à riqueza da sua polifonia e à maneira superior como as vozes são tratadas, quer ainda no que se refere ao brilhantismo da sua orquestração, esta obra é digna de figurar ao lado das obras de ilustre estilo da autoria de algumas das mais notáveis figuras da História da Música.

E porque assim o julgo, sinto verdadeiro orgulho em poder contar no número dos meus mais dilectos discípulos o autor da «Missa Solene» em «Ré maiores».

SOCIEDADE CORAL DE LISBOA

Foi no Ano Auren de 1940 que a Sociedade Coral de Lisboa se apresentou ao público, interpretando, por incumbência da Comissão Executiva das Festas do Duplo Centenário, no Acto Solene de Sagres, a «Missa Solene» de Frederico de Freitas, depois repetida na Festa Missionária realizada na Secção Colonial da Exposição do Mundo Português.

Nos serões Medieval e Manuelino, realizados em espectáculos de sala no Teatro D. Maria II, foram ainda elementos da Sociedade Coral de Lisboa que interpretaram a parte vocal dos respectivos programas.

A Sociedade Coral de Lisboa foi fundada pelo Maestro Frederico de Freitas. Os trabalhos preliminares de organização devem-se a ele e a uma comissão composta das Ex.^{as} Sr.^{as} D. Elisa de Sousa Peixoto, D. Laura Wake Marques, D. Ana Hierman de Brito Aranha e D. Consuelo Fernández de Freitas.

Em 1941, no Teatro Nacional de S. Carlos, apresentou-se a Sociedade Coral de Lisboa pela 1.^a vez oficialmente, em 3 concertos, com a «Magnificat», de J. S. Bach, e a «Missa Solene» de Frederico de Freitas.

É justo assinalar, nesta pequena resenha em que sucintamente se foca a vida da Sociedade Coral de Lisboa, o apoio que desde o início tem recebido da Emissora Nacional.

Africa Cabral.
Alice da Luz e Silva de Freitas.
Alice Rebelo.
Ana Bierman Brito Aranha.
Beatriz Viveu Pinheiro Santos.
Berta Blanc de Portugal.
Berta Borges.
Berta Nóbrega.
Cassuelo Fernandez de Freitas.
Emília Macieira.
Fernanda Coelho.
Flomessa Ariz.
Gaída Sanches de Miranda.
Helena de Abreu.
Helena Shirley.
Ida Bevilacqua.
Ida Palhares.
Jubel Pega Bergström.
Isabel Rebelo.
Júlia Malhado.
Júlia Passalacqua.
Julieta Bourçis da Silva Santos.
Laura Cordeiro.
Lia Stella.
Margarina d' Abreu.
Maria Branco de Portugal.
Maria Carlota Andrade.
Maria Guilhermina Rio de Carvalho.
Maria Helena de Abreu.
Maria Helena Rodrigues Costa.
Maria Helena Soares de Andrade.
Maria Hilda da Costa Valente.
Maria Justina Pereira.
Maria de la Salette de Carvalho.
Maria de Lourdes Estêvão da Silva.
Maria Luíza Vieira Lisboa.
Maria da Luz Waza de Andrade.
Maria Rosa Pimentel Soares.
Nádia Ferreira.
Olga Violante.
Olinda Nóbrega.
Raquel Calheiros.
Sara Gonçalves.
Stella Tavares.
Violante Montanha.

Dr. Agostinho Coutinho Lopes.
Alberto Pires.
Alvaro António da Silva.
Armando Rebelo.
Arnaldo Malhães Migueis.
Augusto Borges.
Bernardino da Rocha Pereira.
Carlos Alberto Afonso.
Carlos Charrir Puno Mourão.
Carlos Pedreira de Brito.
Carlos Teodoro Azevedo.
Cosar Vianna.
Daniel Fernandes Cashão.
Eduardo Freire.
Fernando de Almeida.
Fernando Athos.
Fernando José Estêvão da Silva.
Fernando Pereira.
Dr. Francisco Loureiro Diniz.
Giangar Bastos Coelho.
João Nogueira.
João Pedro de Freitas Franco.
João Pinto Basto de Sousa.
Dr. João Silva Santos.
Joaquim Lima.
Joaquim Régio Marçal.
D. José Branco de Portugal.
José Condeixa.
José Maria Plantier Martins.
José Vares Clírio.
José Teixeira Lopes.
Luiz Franco.
Mamuel Gageglio Machado Macedo.
Mamuel Lima.
Manuel de Siqueira Fernandes.
Mamuel do Vale Costa.
Marciano Mendonça.
Orlando Carepa.
Dr. Paes Salvação.
Pedro Fernandes Cabreira.
Rafael Ferreira.
Rui Santa Clara.
Rui Santos.
Rui Alberto.
Rui de Castro Guedes de Seixas.
Sebastião Costa.
Sebastião Cardoso.



RUA DO SALITRE,
151 a 155, 1.º e 2.º
Telefone P. B. X.
4 8274 e 4 1011
LISBOA-PORTUGAL